

O ESTADO DA ARTE DAS PESQUISAS SOBRE CINEMA PRODUZIDAS PELA GEOGRAFIA BRASILEIRA

THE STATE OF THE ART OF CINEMA RESEARCH PRODUCED BY BRAZILIAN GEOGRAPHY

Gabriel Luz ^A

^A Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro (SEEDUC), Rio de Janeiro, RJ, Brasil

Recebido em: 04/02/2025 | 09/08/2025 DOI: 10.12957/tamoios.2025.89566

Correspondência para: Gabriel Luz (gabrielgabao@gmail.com)

Resumo

O artigo tem como objetivo apresentar ao leitor, o estado da arte envolvendo a produção acadêmica sobre Geografia e Cinema no Brasil entre os anos 1994 e 2022. Esta pesquisa é parte de um estudo que desenvolvemos ao longo dos últimos anos e que culminou com uma dissertação de mestrado. Para analisar a produção sobre o assunto em questão, realizamos um levantamento bibliográfico a partir das revistas eletrônicas brasileiras vinculadas aos programas de pós-graduação em Geografia do país.

Palavras-chave: Geografia; Cinema; levantamento bibliográfico

Abstract

This paper aims to show the reader the state of the art involving academic production on Geography and Cinema in Brazil between the years 1994 and 2022. This research is part of a study that we have developed over the last few years and which culminated in a master's degree dissertation. To analyze the production on the subject in question, we carried out a bibliographic study based on Brazilian electronic magazines linked to postgraduate programs in Geography in the country.

Keywords: Geography; Cinema; bibliographic study.

INTRODUÇÃO

O principal objetivo deste artigo consiste em apresentar ao leitor o estado da arte em que se encontram os estudos envolvendo a interface Geografia e Cinema no Brasil. Realizamos um levantamento quantitativo e qualitativo nos periódicos eletrônicos de Geografia, os quais correspondem às principais fontes desta parte da pesquisa. Nosso recorte temporal, como veremos mais adiante, foi estabelecido em função da publicação mais antiga encontrada nos sítios virtuais dos periódicos levantados: que foi no ano de 1994, até o final de 2022 período em que encerramos a etapa do levantamento bibliográfico para elaborar a dissertação de mestrado que apresentamos no final de 2024.

OS PERIÓDICOS ELETRÔNICOS DE GEOGRAFIA

Certamente, existem muitas maneiras possíveis para a realização de uma pesquisa científica. Demos preferência para um modo particular: a averiguação de estudos que foram publicados em revistas científicas eletrônicas (periódicos *on-line*). Ainda que os meios digitais se constituam como a forma mais recente de disseminação do conhecimento produzido na academia, eles possuem excelentes valências. A rapidez com que novos debates





surgem, proporcionando maior diálogo entre os pesquisadores e a comunidade científica, o desimpedimento na hora de realizar as buscas direcionadas, permitindo um maior acesso ao conhecimento produzido socialmente e, é claro, a capacidade de permitir ao pesquisador acessar os acervos de bibliotecas muito distantes, localizados em diferentes estados do país, o que seria praticamente impossível de fazer presencialmente. Os periódicos se configuram, portanto, como uma ferramenta de pesquisa fundamental na contemporaneidade, oferecendo acesso a textos acadêmicos de qualidade, amparados pela comunidade científica especializada de maneira rápida e gratuita.

Além dos fatores supracitados, os periódicos eletrônicos foram essenciais no contexto de pandemia da COVID-19, período em que ingressamos no programa de mestrado no ano de 2021. Levando em conta o isolamento social e o fechamento de espaços públicos – como as bibliotecas durante o período de *lockdown* – o acesso a periódicos científicos, em modo virtual, garantiu a realização e a continuidade das pesquisas acadêmicas. Sobre esta pesquisa em específico, a seleção dos periódicos contemplados no levantamento empírico ocorreu com o direcionamento dos indexadores do Portal de Periódicos e do *Qualis* ligado à CAPES que, por sua vez, está sob o controle e supervisão do Ministério da Educação. Tanto um quanto outro compõem os principais meios de avaliação e divulgação científica no Brasil, assim a opção de utilizá-los se justifica. Com eles, fomos capazes de levantar os periódicos nacionais de Geografia a partir do refinamento da busca através do item “área de conhecimento”. Foram encontrados, no total, cem (100) periódicos de Geografia (ver tabela 1), oriundos de pelo menos vinte e quatro (24) estados brasileiros (incluindo o Distrito Federal). As unidades federativas que não possuem nenhuma instituição de ensino que tenha elaborado periódicos eletrônicos, pelo menos na área de Geografia, de acordo com esta pesquisa, são: Piauí, Pará e Amapá. Optamos por realizar todo levantamento bibliográfico a partir de revistas de Geografia, ligadas aos programas de graduação e/ou pós-graduação em Geografia e da Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB). Ficaram de fora os periódicos que possuem natureza interdisciplinar, como por exemplo a Revista Artífice que foi sugerida pelo Portal de Periódicos como pertencente a área de conhecimento de Geografia, mas na prática é uma iniciativa do Núcleo de Ensino, Pesquisa e Extensão em Humanidades (NEPEH), vinculado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA). Portanto, a Revista Artífice estabelece-se enquanto instrumento de publicação com um enfoque mais amplo, em humanidades, cujo escopo central da investigação foge do que foi pré-estabelecido por nós. A escolha por esse critério passa por nosso desejo de observar como os profissionais com formação em Geografia têm trabalhado com a temática do Cinema, e não como os outros profissionais das Ciências Humanas vêm se debruçando sobre o assunto.

Das cem (100) revistas pesquisadas, trinta e quatro (34) não possuíam nenhuma publicação envolvendo o assunto. Durante o levantamento, como dissemos, identificamos a data de inauguração de cada revista de Geografia. Foi interessante observar que o periódico mais antigo, o Boletim Paulista da Associação dos Geógrafos Brasileiros de São Paulo (AGB



– SP), que possui sua primeira tiragem no ano de 1949, já realizou a digitalização de todas as suas edições impressas. A segunda mais antiga, o Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul, surge após seis anos em 1955 e, a terceira, só foi aparecer vinte um anos depois na Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho – UNESP, campus de Rio Claro, em 1976.

Tabela 1 – Lista de periódicos de Geografia em versão digital.

Número	ISSN	Nome
1	2179-6025	Abordagens geográfica
2	1982-1956	Ateliê Geográfico
3	2764-1422	Boletim Alfenense de Geografia
4	2236-3637	Boletim Campineiro de Geografia
5	2176-4786	Boletim de Geografia
6	0101-7888	Boletim Gaúcho de Geografia
7	2446-7251	Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul
8	1984-8501	Boletim Goiano de Geografia
9	0006-6079	Boletim Paulista de Geografia
10	0103-8427	Caderno de Geografia
11	1519-4639	Cadernos Geográficos
12	2176-5774	Cadernos Prudentinos de Geografia
13	678-6343	Caminhos de Geografia
14	1809-6271	Campo-Território
15	1413-7461	Ciência Geográfica
16	2317-8825	Continentes
17	2177-7829	Entre-Lugar
18	2236-1367	Espaço Aberto
19	1413-3342	Espaço e Cultura
20	1516-9375	Espaço e Geografia
21	1519-7816	Espaço em Revista
22	1518-4196	Espaço Plural
23	1678-698X	Estudos Geográficos
25	1981-9021	GeoUERJ
26	1983-8700	Geografia
27	1806-8553	Geografia e Pesquisa



28	1984-1647	Geografia em Atos
29	1982-8942	Geografia em Questão
30	0103-1538	Geografia: Ensino e Pesquisa
31	1808-8058	Geografias
32	1678-7226	Geográfica Acadêmica
33	2238-0205	Geograficidade
34	1517-7793	GEOgraphia
35	2446-9165	Geographia Meridionales
36	2175-862X	Geingá
37	1518-6059	Geonordeste
38	2594-5033	Geopauta
39	0103-3964	Geosul
40	2236-255X	Geotemas
41	1984-5537	Geotextos
42	2179-0892	GeoUSP
43	2317-028X	GeoUECE
44	1984-2201	Mercator
45	1415-1804	O Social em Questão
46	1982-3878	Okara: Geografia em Debate
47	2675-2697	Revista Mares
48	1982-0003	Para onde?!
49	1678-569X	Percurso
50	1808-866X	Perspectiva Geográfica
51	2177-2738	RAEGA: o Espaço Geográfico em Análise
52	2675-0724	Revista Arigó
53	2236-3904	Revista Brasileira de Educação em Geografia
54	2179-4510	Revista de Ensino de Geografia
55	0104-5490	Revista de Geografia
56	2177-3246	Revista de Geopolítica
57	1980-4148	Revista Discente Expressões Geográficas
58	2177-4366	Revista Eletrônica: Tempo-Técnica-Território
59	0103-7579	Revista Espaço-Tempo
60	2236-9716	Revista Georaguaia



61	1981-089X	Revista Geografar
62	2175-3709	Revista Geografares
63	2237-1419	Revista GeoNorte
64	1982-3800	Revista Homem, Espaço e Tempo
65	1415-7500	Revista Mato-Grossense de Geografia
66	1982-4513	Sociedade & Natureza
67	1415-8566	Sociedade e Cultura
68	2177-8396	Sociedade e Território
69	1981-6537	Terra Plural
70	0102-8030	Terra Livre
71	1677-9509	Textos & Contextos
72	2178 0464	Geosaberes
73	2316-4360	Revista Elisée
74	2446-6549	Revista Interespaço
75	1517-4999	Revista Geopantanal
76	2316-8056	Revista Eletrônica da AGB – Três Lagoas
77	2177-2886	Revista Latinoamericana de Geografia e Gênero
78	2316-8544	Revista Ensaios de Geografia
79	2358-4467	Revista Giramundo
80	1983-3644	Revista Geopuc
81	2526-6276	Revista Geográfica Educação em Foco
82	1980-4490	Revista Tamoios
83	0102-4582	Revista do Departamento de Geografia
84	1983-8700	Revista Geografia
85	19844891	Observatorium
86	2595-0169	Revista Patryter
87	2359-1870	Pesquisar: Revista de estudos e pesquisas em ensino de geografia
88	2448-2757	Produção acadêmica
89	2236-2878	R. D. G. – USP
90	2316-8056	Casa da Geografia de Sobral
91	2238-6211	Revista de Geografia
92	2525-5703	Revista Geosertões
93	1806-6755	Revista Nera



94	1679-9025	Revista Pegada
95	2359-1870	Revista Pesquisar
96		Revista Presença Geográfica
97	1980-9018	Revista Fluminense de Geografia
98	2675-2395	Revista Verde Grande
99	1980-1726	HYGEIA
100	2526-6276	Revista Educação Geográfica em Foco

Fonte: O autor (2024)

Posteriormente, a Geografia brasileira testemunhou nos anos 1980 e 1990 o crescimento vertiginoso do número de novas revistas científicas. Até o final do século XX, já existiam no Brasil vinte e cinco (25) periódicos. Com a popularização da *internet* no cotidiano da sociedade, na virada do segundo milênio, a criação de novos cursos de graduação e pós-graduação em Geografia pelo país afora, entre outras possíveis razões explicativas, fizeram com que a quantidade de revistas científicas aumentasse significativamente. Se no século passado, entre 1949 e 1999, foram criadas vinte e três (23), até o momento desta pesquisa, no segundo semestre de 2022, foram fundadas mais sessenta e uma (61) revistas acadêmicas de Geografia.

O CINEMA NAS REVISTAS ELETRÔNICAS DE GEOGRAFIA

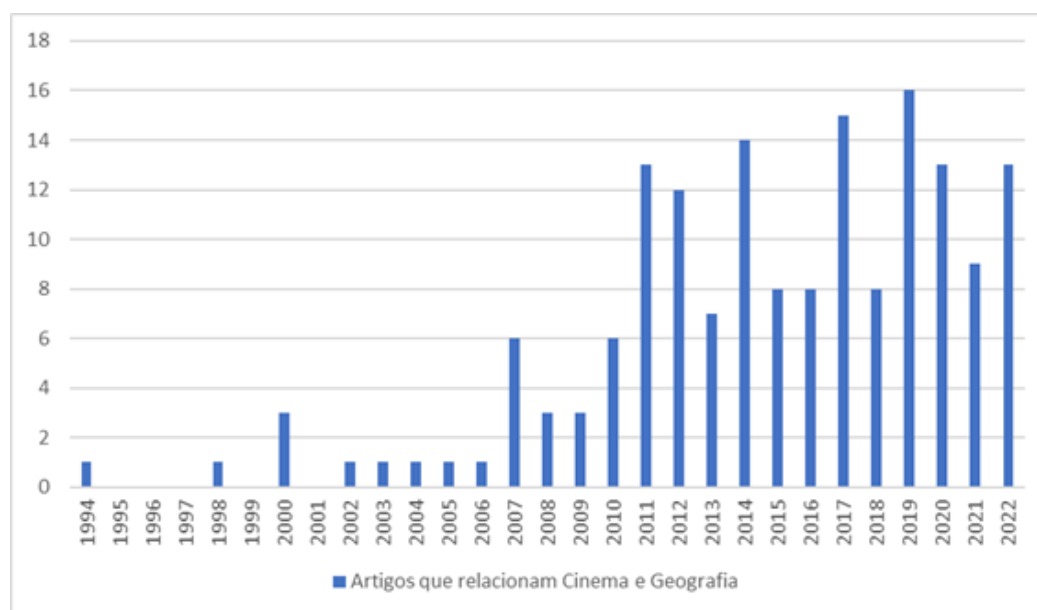
Para otimizar o tempo, o levantamento bibliográfico se deu através do uso de palavras-chaves em cada caixa de busca disponível nas revistas pesquisadas. Os comandos selecionados foram: “cinema”, “película”, “documentário”, “animação”, “curta-metragem”, “longa-metragem”, “imagem”, “paisagem”, “representação” e “filme”. A ideia com estes comandos era a de ampliar as possibilidades de encontrar artigos sobre o tema. Foram encontrados um total de cento e sessenta e seis artigos (166) sobre Geografia e Cinema. Foi possível constatar que o interesse dos geógrafos(as) pelos estudos envolvendo o Cinema começaram a ganhar maiores projeções a partir de 2007 até alcançar o ápice em 2019, quando dezesseis artigos sobre o tema foram publicados em revistas brasileiras de Geografia (ver gráfico 1 abaixo).

Ainda foi possível perceber durante esta etapa outro aspecto relevante. O periódico que possui o artigo mais antigo sobre o tema “Geografia e Cinema” é o Geosul, cujo título do texto é “O cinema e a cidade: algumas reflexões” de Julio Cesar de Lima Ramirez. Sua publicação de 1994 se tornou, inclusive, referência obrigatória na bibliografia utilizada pelos(as) interessados(as) no assunto, ainda que o autor, atualmente docente do programa de pós-graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), não tenha



aprofundado suas ideias em outras oportunidades. Este artigo, de 1994, corresponde ao nosso marco temporal.

Gráfico 1 – Número de artigos sobre Cinema e Geografia publicados a cada ano entre 1994 e 2022.



Fonte: O autor (2024)

Das cinquenta e cinco (55) revistas com publicações envolvendo estudos sobre Geografia e Cinema, destacam-se quatro periódicos a nível de produção em sua dimensão quantitativa, a saber: Revista Entre-Lugar do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados (MS) com doze (12) artigos; a Revista Espaço e Cultura idealizada pelo Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Espaço e Cultura do Departamento de Geografia Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, com onze (11) artigos; a Revista Espaço Aberto pertencente a Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com nove (9) artigos e a Revista Geograficidade, proveniente do Grupo de Pesquisa Geografia Humanista Cultural da Universidade Federal Fluminense, com oito (8) artigos.

Com isso, podemos notar, claramente, a relevância e a centralidade que somente esses quatro periódicos assumem; tendo em vista que dos cento e dezesseis (166) artigos encontrados, quarenta (40) foram publicados por eles. Esses números representam 24% de todas as publicações presentes nas cem (100) revistas eletrônicas de Geografia. Um outro aspecto que nos chama a atenção, é o peso das universidades públicas localizadas nas cidades de Rio de Janeiro e de Niterói que, somadas, são responsáveis por vinte e oito (28) artigos



sobre o tema Geografia e Cinema. E, por fim, cabe destacar a Revista Entre-Lugar, de Dourados (MS), ao ficar em primeiro lugar das que mais produziram a respeito do assunto. Para concluir, podemos afirmar, com alguma tranquilidade, que as revistas supracitadas são as que mais contribuem para disseminação das discussões sobre a temática. Ao mesmo tempo, os dados demonstram que os geógrafos(as) que estudam as questões envolvendo a interface Geografia e Cinema buscam estes periódicos, uma vez que possuem maior legitimidade sobre as discussões teóricas e práticas desenvolvidas.

AS PESQUISAS E OS PESQUISADORES

A partir do material coletado e de sua análise bibliométrica, foram desveladas algumas peculiaridades da produção acadêmica sobre Geografia e Cinema. Com esta visão em sobrevoo, é possível apresentar os elementos centrais que norteiam as discussões sobre essa área de interesse em específico; favorecendo sua consolidação, bem como sua disseminação entre geógrafos(as) e como outros(as) profissionais das Ciências Humanas. E é sobre estas bases que iremos construir nossa argumentação ao refletir sobre os autores e suas pesquisas nas próximas linhas.

Com um trabalho de fôlego e que representou um verdadeiro divisor de águas nos estudos recentes sobre Geografia e Cinema, Karina Fioravante em sua tese de doutorado publicada em 2016, intitulada “Geografia e Cinema: A produção cinematográfica e a construção do conhecimento geográfico”, nos fornece excelente apoio metodológico. Nela, a autora procedeu um levantamento bibliográfico; em seguida, após ler o material, na segunda etapa de sua pesquisa, se empenhou na construção de uma proposição temática para a compreensão dos estudos sobre Geografia e Cinema que se apresenta como um esforço de alcançar uma visão geral sobre o assunto. A autora dividiu o esquema explicativo das publicações sobre Geografia e Cinema em quatro grandes linhas de pesquisas diferentes, tomando como critério os conceitos, as temáticas, os métodos, as matrizes filosóficas e a filmografia. As linhas são: (1) Cinema e Ensino de Geografia; (2) Cinema e Geopolítica; (3) Indústria Cinematográfica e Geografia; (4) Geografia, Humanismo e Representações Cinemáticas (Fioravante, 2016, p.78).

É evidente que são muitos os desafios para reunir tantos trabalhos em apenas quatro grupos, de modo que abranjam diferentes perspectivas teórico-metodológicas. No entanto, Karina Fioravante nos oferece um eficiente quadro para pensar a respeito da produção acadêmica em suas especificidades. Tomando como referência as linhas de pesquisa desenvolvidas pela autora citada, separamos os 166 artigos encontrados durante o nosso levantamento a partir da leitura dos resumos de todos eles. E a divisão ficou da seguinte forma: Geografia, Humanismo e Representações Cinemáticas com 98 artigos; Cinema e



Ensino de Geografia com 49. Cinema Geografia da Indústria com 10 e Geografia e Política com 9 artigos.

Salta aos olhos o número de artigos que fazem parte da linha “Geografia, Humanismo e Representações Cinemáticas”. Sozinhos, correspondem a 59% dos estudos publicados. Trata-se de um eixo de pesquisa que se caracteriza por utilizar os conceitos de paisagem e/ou lugar como ferramenta teórica e analítica para discutir temas ligados à representação das cidades, a relação personagem-ambiente e as questões de identidade/gênero. As metodologias mais empregadas nesses estudos são os da intertextualidade, da iconografia e da semiologia. As pesquisas e os debates a respeito das representações cinemáticas vão se consolidar na década de 1980, quando as questões culturais recebem mais espaço nas ciências humanas de modo geral e na Geografia de maneira particular (Mcdowell, 1995). Com o desabrochar da Nova Geografia Cultural, geógrafos(as) passaram a ter como foco, não somente a dimensão material do espaço, mas, também, seus significados simbólicos. Com isso, as imagens veiculadas pelas telas dos cinemas, começaram a se constituir como objeto de estudo de diferentes perspectivas teóricas.

Não é nosso objetivo neste trabalho realizar uma digressão reflexiva de cunho epistemológico sobre o impacto dessa linha teórica na disciplina. Aqui, o propósito está empenhado em colocar, em relevo, os elementos mais centrais que estão identificados nas pesquisas empreendidas por geógrafos e geógrafas que tiveram como objeto de estudo o cinema a partir de uma “lente” teórico-metodológica fundada durante a renovação da Geografia Cultural. Sendo assim, selecionamos os (as) autores(as) dentro do universo de noventa e oito (98) artigos referentes à linha da geografia cultural que publicaram três (3) artigos ou mais, para refletir sobre o impacto de suas produções nas discussões sobre o tema. Conforme podemos perceber na tabela abaixo, cinco pesquisadores (as) se destacam com um maior número de artigos dentro dessa linha de pesquisa. A saber: Maria Helena Vaz da Costa (12 artigos), Karina Eugênia Fioravante (7 artigos), Cláudio Benito Oliveira Ferraz (6 artigos), Tiago de Almeida Moreira (5 artigos) e Wenceslao Machado de Olivera (3 artigos). Existe uma clara hegemonia feminina na participação da produção de artigos, sobretudo, quando atentamos para a professora de pós-graduação de Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a Dr^a Maria Helena Vaz da Costa. Ela atua como pesquisadora na área de Cinema e da Geografia Cultural com ênfase nos estudos sobre o espaço geográfico e arquitetônico; geografias filmicas; olhares imagéticos sobre a cidade; estética e cultura visual; culturas moderna e pós-moderna.

Além disso, trata-se de uma pesquisadora com grande volume de publicações no que diz respeito às discussões envolvendo o cinema, a geografia e a arte. Ainda que não seja formada em Geografia na graduação, atualmente Maria Helena Vaz da Costa está desenvolvendo uma pesquisa a nível de pós-doutorado na área da Geografia Cultural. Com vasta experiência nas discussões sobre a representação do espaço urbano no cinema, a autora



possui artigos influentes publicados desde os primeiros anos do século XXI, tal como o, bastante citado, “Espaço Tempo e a Cidade Cinemática” – publicado na revista eletrônica “Espaço & Cultura” em 2002, até o mais atual “Geografia, Cinema e Imaginação: discursos geográficos em ‘O Senhor dos Anéis’” de 2022. O último foi realizado juntamente com Francijonison Custódio do Nascimento e divulgado pelo periódico “Caminhos da Geografia”. Com essas duas publicações que abrangem vinte anos de reflexões, somos capazes de ter uma noção da relevância de Maria Helena Vaz da Costa para as questões em torno do Cinema e da Geografia.

Outra pesquisadora de destaque dentro dessa linha de pesquisa é a geógrafa Karina E. Fioravante, também citada anteriormente. Desde 2012, a autora vem contribuindo para o debate a partir de produções bibliográficas desde sua tese de doutorado, passando por orientações de trabalhos de conclusão de curso de graduação ou de dissertações de mestrado, principalmente na Universidade Estadual de Ponta Grossa, no Paraná, onde leciona, ou até mesmo, de artigos científicos na área de geografia e outras disciplinas das Ciências Humanas. Seus últimos estudos estiveram ligados, principalmente, a assuntos compreendendo as paisagens filmicas com ênfase nas teorias de gênero, como por exemplo em “Espaço Carcerário, Gênero e Cinema: uma discussão a partir do filme Leonera” presente na revista *Ateliê Geográfico* de 2012 e “‘Marco e Benigno’: cenários de masculinidades na cinematografia de Pedro Almodóvar” publicado em 2014 pela *Revista Latino-americana de Geografia e Gênero*.

É importante levar em consideração que Karina E. Fioravante não se restringiu, apenas, em explorar as temáticas da linha “Geografia, Humanismo e Representações Cinemáticas”. A autora também produziu artigos que estão em outras vertentes de estudo, como as que dialogam com o ensino (Ferreira e Fioravante, 2017) e com questões geopolíticas (Fioravante, 2013). A geógrafa, utilizando como suporte teórico algumas proposições sobre o espaço urbano presente em Gomes (2001), relaciona as mudanças na paisagem da cidade de Berlim, o comportamento social dos personagens após a reunificação da Alemanha, com a reconstrução de uma espacialidade extinta em suas dimensões simbólica e concreta. Enfim, podemos concluir que Karina E. Fioravante além de ser muito produtiva, em termos de quantidade de artigos, é uma autora muito versátil no que tange as variadas temáticas abordadas em seus textos.

A segunda grande área temática mais estudada, segundo nosso levantamento, é a de “Cinema e Ensino de Geografia” com a metade dos artigos referentes à linha anterior: quarenta e nove (49) publicações em periódicos eletrônicos brasileiros. Antes de tudo, é necessário dizer que as publicações sobre “Cinema e Ensino de Geografia” se caracterizam por trabalhar com os conceitos de espaço e região buscando nos filmes, uma representação fiel da realidade. Os artigos analisados, em sua maioria reproduzem a ideia de que as imagens em movimento servem, principalmente, para exemplificar os conteúdos da disciplina, pouca



atenção é dada aos elementos da linguagem cinematográfica. Os métodos empreendidos são semelhantes aos guias e manuais construídos com o intuito de auxiliar na elaboração de recursos didáticos.

Cabe lançar luz sobre a publicação de Rui Guilherme Campos, um dos primeiros trabalhos sobre o tema. Em seu texto seminal, intitulado “Cinema e Geografia na sala de aula”, Rui Guilherme Campos (2006) toca em pontos muito importantes, a respeito do uso do cinema na sala de aula, tais como as questões técnicas envolvendo sua exibição, ainda que das vinte e duas páginas do texto, treze sejam sugestões de filmes. O primeiro ponto é assumir que, apesar da capacidade que as imagens em movimento têm de transmitir uma sensação de realidade: “Como em qualquer arte, o Cinema exprime, direta ou indiretamente, os valores do autor do roteiro, do diretor, da sociedade e do momento histórico no qual foi realizado” (Campos, 2006, p.1). Essa afirmação demonstra uma preocupação com a relação que se forma entre quem produziu o filme e o espectador, que deve assumir uma postura crítica e reflexiva diante das imagens veiculadas na tela.

O autor também atrai atenção para o fato de que os filmes são, além de um produto artístico, uma mercadoria e, portanto, estão associados aos objetivos de uma indústria. Sendo assim, se faz necessário analisar o papel das suas imagens dentro do contexto da construção de ideologias e representações sociais (espaciais). Para o ensino, o Cinema se configura como um instrumento “de complementação e/ou substituição do material pedagógico tradicional” (Campos, 2006, p.1). Além disso, Rui Guilherme Campos, de maneira muito lúcida, realça a contribuição que a técnica cinematográfica tem na construção de imagens de mundo, levantando alguns aspectos que podem ser observados a partir de uma perspectiva geográfica: a ideologia e a construção de identidades nacionais, a visão etnocêntrica, os arquétipos presentes na figuração, a autenticidade das paisagens e as opções de enquadramento do espaço representado.

Por fim, é sem dúvida um texto que deve ser visto como um marco nas publicações sobre o Cinema no Ensino de Geografia, não somente por ter sido o primeiro a discutir o assunto em periódicos eletrônicos de Geografia, mas também por sua sensibilidade em tocar em aspectos fundamentais para um melhor uso das imagens em movimento dos filmes nas aulas da disciplina. Antes de finalizar o exame das publicações sobre essa linha de pesquisa, há outro pesquisador que tem contribuído bastante para as questões do Cinema e do Ensino de Geografia. Wenceslao Machado Oliveira Jr., professor (Livre Docente) no Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte e pesquisador do Laboratório de Estudos Audiovisuais OLHO, ambos da Faculdade de Educação/Unicamp (SP), vem desde os anos 1990, quando defendeu sua relevante tese de doutorado que teve como objeto de estudo as possibilidades de compreensão da chuva enquanto elemento da linguagem cinematográfica, contribuindo para o enriquecimento do Cinema como área de interesse dos geógrafos(as).



No que tange aos textos na interface com o Ensino de Geografia, Wenceslao Oliveira (2010) escreveu para o Boletim Paulista de Geografia um texto chamado Cultura visual e espaço: linha de pesquisa de Estudos Audiovisuais (Olho), onde o geógrafo expõe as experiências vividas em seu laboratório de pesquisa na Unicamp que articula a educação visual e o espaço geográfico. Dez anos depois, ao lado de Gisele Girardi, Wenceslao Oliveira (2020), a partir do texto O Cinema como diferença na linguagem do Ensino de Geografia, realiza uma cartografia da produção acadêmica de geografia voltada para a discussão sobre o cinema na geografia, preocupado com a ausência de considerar a linguagem cinematográfica como um aspecto central para os conteúdos de geografia.

Prosseguindo com a análise bibliográfica em sua dimensão qualitativa, na terceira posição das linhas de pesquisa com mais artigos publicados, com uma diferença mínima de uma publicação para a última colocada, encontra-se a temática “Cinema e Geografia da Indústria” com dez (10) publicações. Aqui, o conceito de espaço herdado das teorias propugnadas pela geografia econômica, mais especificamente no período influenciado pelos métodos quantitativos, serviu de suporte teórico-metodológicos para estudos cujos temas estavam direcionados para a compreensão da indústria cinematográfica – no que diz respeito a sua linha de produção, ao mercado de trabalho, bem como o posicionamento desse setor na indústria criativa/cultural.

Salta aos olhos o trabalho produzido por Marcus Vinicius A. Anversa (2000), um dos primeiros publicados em revistas de Geografia sobre o assunto, intitulado: A importância do município do Rio de Janeiro na territorialidade da indústria audiovisual brasileira, que na verdade é um desdobramento da monografia defendida por ele na UERJ, para a obtenção do título especialista na pós-graduação. No texto, o autor procura demonstrar a centralidade da cidade carioca na produção do audiovisual brasileiro, combinando os fatores econômicos e políticos que proporcionaram as condições para essa indústria se alavancar no setor, principalmente as empresas da TV Globo.

Outros dois trabalhos também analisaram o impacto da indústria do Cinema em suas localidades. Em 2014, Rodrigo R.H.F. Valverde escreveu para a Revista Mercator um artigo que buscou analisar, com base no conceito de indústria cultural desenvolvido por Dominic Power (2004) (Apud Valverde, 2014), as estratégias traçadas pelos agentes públicos na promoção de valores culturais em valores econômicos capazes de modificar o cotidiano dos moradores de Paulínia, município de São Paulo. Já o geógrafo Gervásio Hermínio de Oliveira (2017), em seu artigo intitulado Outras espacialidades no Cinema produzido em Pernambuco publicado pela Revista de Geografia (UFPE), apresenta uma reflexão sobre as condições que levaram os cineastas do estado a produzir cinema na região e como as paisagens retratadas influenciaram na construção de outras espacialidades, as quais os espectadores brasileiros não estavam habituados.



Por fim, a linha de pesquisa “Cinema e Geopolítica” se caracterizará, segundo Fioravante (2016), por utilizar preferencialmente o conceito de território de matriz filosófica pós-colonial que visa se aprofundar em temas que passam pela ideia de legitimação nacional a respeito de fronteiras ou, então, sobre o papel das ideologias políticas nas representações espaciais. Debatido e abordado no Cinema a partir de um ponto de vista particular estão as tramas sobre o nacionalismo. Vale lembrar que *O Nascimento de uma Nação* (1915), dirigido e roteirizado por D.W. Griffith conhecido por popularizar as técnicas de *travelling* e *close-up* através dos seus filmes, foi bastante criticado por seu racismo aberto, apesar do sucesso de bilheteria e arrecadação na época.

São filmes como esses que irão servir de objeto de estudo e reflexões dos geógrafos que, de modo geral, buscam explorar a ideia de geopolítica crítica e o papel da ideologia no Cinema, da Teoria de Gêneros na construção hegemônica de pensamentos e representações nacionalistas. Um exemplo dessa tendência é o artigo da Professora de Geografia da PUC-RJ, Rejane Cristina de Araujo Rodrigues (2018) publicado na renomada revista *Geographia*. Nele, a geógrafa contrapõe as representações presentes nos filmes produzidos por países hegemônicos do primeiro mundo, com os produzidos pelos de terceiro mundo durante as ditaduras civil-militares em países da América Latina. Com isso, a autora busca identificar os elementos específicos que marcaram os movimentos de resistência na construção de imaginários anti geopolíticos. Outro trabalho importante nessa vertente de estudos está o artigo de outro professor da PUC-RJ, o geógrafo Leo Name (2010), publicado na primeira edição do periódico *Abordagens Geográficas*, cujo título é *Geopolítica da imagem e a Geografia de Indiana Jones*. O autor discute o eurocentrismo presente no discurso do filme, no âmbito do que chamou de uma “geopolítica da imagem”, onde certas informações visuais são veiculadas e servem de estratégia para as potências imperialistas confirmarem sua hegemonia na disputa pelo poder global.

De maneira geral, constatamos que, desde a primeira publicação sobre o tema envolvendo a relação entre Geografia e Cinema em 1994 até o ano de 2022, houve um aumento das publicações em revistas acadêmicas, sobretudo a partir da primeira década do corrente século. Ainda que a natureza desta pesquisa tenha sido diferente daquelas realizadas por Karina Eugênia Fioravante (2016) e Wenceslao Machado Oliveira Junior (2020), que constataram que cerca de dez por cento da produção acadêmica voltada para o tema Geografia e Cinema se relaciona com o ensino, foi possível observar que em nosso levantamento esse percentual chega a exatos vinte e nove por cento de toda produção. Sendo assim, podemos afirmar que dentro dos quatro grandes grupos de pesquisa, a interface Cinema e Ensino de Geografia tem se configurado como uma das mais abordadas. Por outro lado, as publicações envolvendo os temas a “Geografia Política e o Cinema” e também, o “Cinema e a Geografia da Indústria”, são mais tímidas e se apresentam como as que possuem o menor interesse entre os geógrafos(as). As duas linhas juntas conseguem chegar a um pouco mais de dez por cento das publicações, um número bastante abaixo das demais linhas de estudo.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, podemos concluir que observamos nas últimas duas décadas o surgimento de novas revistas acadêmicas de Geografia o que, certamente, tem contribuído para o crescimento da divulgação científica no Brasil e garantido o acesso ao conhecimento de forma rápida, eficiente e democrática para os(as) pesquisadores(as). Da mesma forma, como vimos, cresceu o interesse dos(as) geógrafos(as) pelas imagens em movimento, ainda que falte uma teoria geográfica da imagem que seja capaz de dar conta de explicar as complexas relações entre Geografia e Cinema, é notável o aumento de publicações sobre a temática. Por último, o uso de revistas científicas disponíveis em versão *on-line*, em particular as de Geografia, constituem-se como uma excelente ferramenta de pesquisa para nós pesquisadores(as). Em última instância, o que tentamos neste pequeno espaço foi demonstrar alguns pontos positivos do levantamento bibliográfico em sítios virtuais e as possibilidades de pesquisa acadêmica que surgem dos meios digitais nos dias de hoje. Longe de ser um manual, a metodologia aqui empregada pode servir para diferentes estudos.

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador de mestrado do Programa de Pós-Graduação de Geografia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores, Astrogildo Luiz de França Filho, pela confiança e paciência.

REFERÊNCIAS

- ANVERSA, Marcus Vinícius Albrecht. A importância do município do Rio de Janeiro na territorialidade da indústria audiovisual brasileira. *Perspectiva Geográfica*, [S. l.], v. 4, n. 4, p. p.77–97, 2000.
- CAMPOS, Rui Guilherme. Cinema, Geografia e Sala de Aula. *Estudos Geográficos*, Rio Claro, 4(1): 1-22, 2006.
- COSTA, Maria Helena Vaz da. BRAGA E VAZ DA COSTA, Maria Helena. ESPAÇO, TEMPO E A CIDADE CINEMÁTICA. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 13, p. 63, 2002
- DA COSTA, Maria Helena Braga e Vaz. GEOGRAFIA, CINEMA E IMAGINAÇÃO: DISCURSOS GEOGRÁFICOS EM ‘O SENHOR DOS ANÉIS’. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 23, n. 87, p. 224–235, 2022.
- DOMINIC, Power; Allen, J. Scott. *Cultural industries and the production of culture*. New York: Taylor & Francis e-Library, 2004
- FERNANDES, Felipe Moura. *Tristes Fins de Policarpo Quaresma: Brasil entre ficções geográficas no sertão e litoral*. Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2017.
- FIORAVANTE, Karina Eugênia. *Geografia e cinema: a produção cinematográfica e a construção do conhecimento geográfico*. Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Rio de Janeiro, 2016.
- FERREIRA, Lohanne Fernanda Gonçalves; Fioravante, Karina Eugenia. Ensino de Geografia e Cinema: perspectivas teóricas, metodológicas e temáticas. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, [S. l.], v. 6, n. 12, p. 209–233, 2017.



FIORAVANTE, Karina Eugênia. Geografia e cinema: As espacialidades do filme “Adeus Lenin!”. *Geografia em Questão*, [S. l.], v. 6, n. 1, 2013.

GOMES, Paulo Cesar da Costa Gomes. *A condição urbana: ensaios de geopolítica da cidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. *O lugar do olhar: elementos para uma geografia da visibilidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

GRIFFITH, David. *O Nascimento de uma nação*. Produção: David W. Griffith Corp., Distribuição Epoch Producing Co. LA. EUA, 1915.

MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, Ron Martin; MARTIN, Ron; SMITH, Graham (org.). *Geografia humana: sociedade, espaço e ciência social*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995

NAME, Leo. Geopolítica da Imagem e a Geografia de Indiana Jones. *Abordagens geográficas*, v. 1, p. 43-70, 2010.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao Machado de; GIRARDI, Gisele. O cinema como diferença no ensino de geografia: uma cartografia provisória. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, [S. l.], v. 10, n. 19, p. 45–66, 2020.

RODRIGUES, R. C. A. O Cinema do Terceiro Mundo sob o Olhar da Antigeopolítica: ditadura e resistência na América Latina. *GEOGRAPHIA (UFF)*, v. 20, p. 89-100, 2018.

VALVERDE, Rodrigo Ramos Hospodar Felipe. A TERRITORIALIZAÇÃO DO POLO CINEMATOGRAFICO DE PAULÍNIA, SÃO PAULO (the territorialization of Paulínia’s film industry, São Paulo). *Mercator, Fortaleza*, v. 13, n. 3, p. 37-47, dec. 2014.

RODRIGUES, R. C. A. O Cinema do Terceiro Mundo sob o Olhar da Antigeopolítica: ditadura e resistência na América Latina. *GEOGRAPHIA (UFF)*, v. 20, p. 89-100, 2018.

COMO CITAR ESTE TRABALHO

LUZ, Gabriel. O estado da arte das pesquisas sobre cinema produzidas pela geografia brasileira. *Revista Tamoios, São Gonçalo*, v. 21, n. 2, p. 49-63, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2025.89566>. Acesso em: DD MMM. AAAA.